

# CARTAS QUE NAVEGAM, ESTUDO DE CASO DE UM «BRASILEIRO» DO MINHO ENTRE O SÉCULO XIX E O XX

ODETE PAIVA\*

**Resumo:** As cartas recebidas por Sousa Fernandes, entre 1862 e 1904, constituem a nossa fonte nuclear, por cruzamento com a base documental clássica da emigração, os passaportes. O epistolário foi o elemento agregador da informação e permitiu-nos fazer um estudo de caso de um emigrante de torna-viagem do Minho, da segunda metade de Oitocentos, que a exemplo de outros, teve como primeiro emprego o de caixeiro, numa casa comercial de um familiar, no Rio de Janeiro, seguindo um percurso ascendente, e abordar dimensões como relações familiares e fraternais, respaldo do jovem à chegada ao Rio de Janeiro, fases de dificuldades, movimentos pendulares, doenças como a sífilis, iniciação no mundo maçónico e natural contacto com novas ideias, entre outros. É possível ainda concluir que esta fonte central possibilita apreender facetas que as fontes clássicas não alcançam.

**Palavras-Chave:** Emigração; Oitocentos; Portugal; Brasil.

**Abstract:** The letters received by Sousa Fernandes, between 1862 and 1904, constitute our nuclear source, by crossing with the classic documentary base of the emigration, the passports. The epistolary was the aggregator of the information and allowed us to make a case study of a traveling immigrant from the Minho of the second half of the 19th century, who, like others, had his first job as a clerk in a family member in Rio de Janeiro, following an upward path, and addressing dimensions such as family and fraternal relations, support of the young person upon arrival in Rio de Janeiro, phases of difficulties, commuting movements, diseases such as syphilis, initiation in the Masonic and natural world Contact with new ideas, among others. It is also possible to conclude that this central source allows to apprehend facets that the classic sources do not reach.

**Keywords:** Emigration; eight hundred; Portugal; Brazil.

## INTRODUÇÃO

*Não tinham ainda florescido na classe mercantil as vingadoras inteligencias emigradas que mais tarde inalteceram as pequenas fortunas com o precioso matiz dos labores do espírito. Depois é que luziram n'aquela treva Fernando Castiço, Eduardo de Lemos, Manoel de Mello, Ernesto Cibrão, Lino da Assumpção, Sousa Fernandes e outros que chegaram por um determinismo biológico á hora precisa da *lucta victoriosa*<sup>1</sup>.*

As cartas, verdadeiros casulos, quais cápsulas del tiempo<sup>2</sup>, facultam-nos dimensões de um tempo e de um espaço, como partituras prontas a serem atravessadas por outros olhares.

O epistolário de Joaquim José de Sousa Fernandes<sup>3</sup> constituído por 8091 cartas recebidas entre 1862 e 1928 deu-nos oportunidade de conhecer facetas do «brasileiro» que só

---

\* CITCEM. Email: paivaodetejb@gmail.com.

<sup>1</sup> CASTELO-BRANCO, 1885: 18.

<sup>2</sup> AUSTER, 2013:173.

<sup>3</sup> A partir de agora, usaremos o nome Sousa Fernandes.

este tipo de escrita permite, e introduzir na dimensão mobilidade, padrões entrevistados pela análise baseada em documentos produzidos oficialmente, como os passaportes. Partindo de uma base sólida, o estudo demográfico de Vila Nova de Famalicão entre 1620 e 1960<sup>4</sup>, estávamos em boas condições para abrir a «cápsula do tempo» e tecer uma narrativa do recetor dessas cartas.

Começámos por fazer uma observação exploratória da correspondência recebida por Sousa Fernandes, à guarda do Arquivo Alberto Sampaio, em Vila Nova de Famalicão<sup>5</sup>, ordenado cronologicamente e verificámos que podia ser subdividido, numa primeira análise, em 6 secções: a familiar, a dos amigos, a laboral, a jornalístico-literária, a política e uma que designámos por *varia*. Contabilizámos numa primeira fase a secção familiar, e iremos fazer o mesmo, a curto prazo, para as restantes. Constatámos que 6,2% das cartas pertenciam à família nuclear e aos cunhados e primos. Individualizando as mulheres, a mãe representou quase um quarto do volume, seguido da filha mais velha, da primeira mulher, e da irmã mais velha, que somaram 38,2%. Escreveram-lhe ainda as sobrinhas e primas direitas.

Usámos a metodologia de estudo de caso e incidimos no período entre 1862 e 1904 (ano em que emigrou e ano em que regressou) Sousa Fernandes e centrámo-nos na correspondência familiar e com os amigos mais próximos, que nesta fase da sua vida, constitui o maior volume de cartas recebido. Tendo sempre presente a dimensão holística desses escritos, privilegiámos as etapas da sua estadia no Brasil, muitas delas enquadradas nos designados movimentos pendulares, próprios deste tipo de emigrantes.

## PRIMEIRAS PÁGINAS DE UM PERCURSO MIGRATÓRIO

Sousa Fernandes nasce em Famalicão, a 24 de janeiro de 1849, onde falece a 13 de abril de 1928, na posição de proprietário e capitalista. Filho de pais lavradores, (o progenitor é também louvado do tribunal), emigra para o Rio de Janeiro, a 8 de junho de 1862, aos 13 anos, na barca Maria, com partida do Porto. Sai de Famalicão, após contactos familiares, no sentido de encontrar na terra de destino um respaldo que lhe facilite alcançar os objetivos planeados e chega à capital do Brasil, volvido pouco mais de um mês<sup>6</sup>.

Na falta da primeira carta enviada por Sousa Fernandes para a família, ajuda-nos a resposta<sup>7</sup> de 2 de agosto de 1862, que o pai lhe dá e que dividimos em 3 partes: a viagem, a chegada e os conselhos paternos. Alude inicialmente à carta que o filho lhe escrevera a 26 de julho, descansando-o sobre a viagem que corra sem incidentes, em que contara com a ajuda do comandante e de um emigrante conhecido do pai, de uma terra vizinha. Do porto do Rio de Janeiro, é levado para casa do irmão do progenitor, por dois primos, um de cada ramo familiar. O pai detém-se depois nos conselhos:

<sup>4</sup> PAIVA, 2016.

<sup>5</sup> A partir de agora, designada como Famalicão.

<sup>6</sup> PAIVA, 2016: 229-230 e 235-236.

<sup>7</sup> Arquivo Alberto Sampaio, VNF-Sousa Fernandes, correspondência recebida, carta 1. Daqui em diante abreviaremos para A.A.S.-S. Fernandes.

*Espero me escrevas em todos os paquetes, e que me dês notícias da tua saúde e de todos os nossos parentes aí existentes. Por aqui não há novidade alguma tudo tem saúde Prudência, Domingos, Eugénia e Aires<sup>8</sup> têm saúde e todos te enviam muitas visitas, restando-me dizer-te que faças por ser homem de bom porte e verdadeiro, pois havendo isso há tudo, junto com a graça do Altíssimo.*

*Aceita muitas recomendações [...] de toda a família. Aceita de tua Senhora mãe um abraço e outro da minha parte. Aceita as nossas bênçãos e que Deus te guie a tua carreira de comércio. Por agora limito-me a desejar-te uma boa saúde [...]*

Podemos acompanhar o percurso laboral deste emigrante de forma muito próxima, através da correspondência com a família, principalmente com o pai: poucos dias depois de chegar, emprega-se como caixeiro, na capital, na Rua da Quitanda n.º 94, na Casa de fazendas e modas do primo materno, Manuel Marques Pinheiro (e sócio)<sup>9</sup>. Foram 4 anos de aprendizagem, com alguns dissabores, que culminaram na sua saída e diligências de familiares (a seu pedido), para obter nova «arrumação».

O jovem abandona a capital com alguma relutância e segue para Niterói, iniciando-se como caixeiro, na firma de ferragens Bernardino Lopes Ribeiro & C.<sup>a</sup>, na Rua de S. João n.º 57<sup>10</sup>, pelo menos desde 24 de agosto de 1866, segundo a carta do primo Bento Sampaio. Durante algum tempo, tem a ajuda do primo pelo lado materno e seu colega de trabalho, José de Sampaio, que por razões de saúde, vai para Campos, onde tem o irmão João de Sampaio, mas continua a auxiliá-lo, dando-lhe explicações úteis sobre a forma como deve conduzir o seu quotidiano laboral, neste ramo em que é neófito.

O Rio de Janeiro parecia já não responder aos planos traçados por Sousa Fernandes, que procura junto de parentes novas possibilidades. Escreve ao primo pelo lado paterno, Aurélio Fernandes, então em S. Paulo, que lhe responde a 24 de abril de 1869, disponibilizando-se para o ir esperar, caso decida ir<sup>11</sup>:

*Tenho em meu poder sua estimada carta com data de 12 do antecedente e a qual respondo e continua presente a meu primo o offrecimen.º a Vm.e q.do pela primeiª vez me escreveu. Sobre as informações do negocio p. aqui, tenho a dizer-lhe que é bastante grande e com bastante comércio e algumas casas bem importantes e estou certo que se poderá arranjar uma bôa arrumação, porém também julgo que Vm.e não fará bem sahir da capital do Império [...]*

O primo já com 20 anos de permanência no país e a viver na época, em S. Paulo, começa por trabalhar, tal como outros familiares, no Rio de Janeiro. Protótipo do

<sup>8</sup> Refere-se à meia irmã de Joaquim Fernandes, ao marido desta e aos irmãos do jovem emigrado.

<sup>9</sup> Por uma carta de 28-7-1868, da Baía, do primo Manuel Sampaio, a Sousa Fernandes, então na Rua das Violas n.º 27, no Rio de Janeiro, tomamos conhecimento que a firma tinha o nome comercial de Marques Pinheiro & Lobo. A.A.S.-S. Fernandes, carta 237.

<sup>10</sup> Como se extrai de diversas cartas desse ano, do pai e do primo José Marques Pinheiro, por exemplo, a deste de 30 de outubro, onde refere ter recebido 2 cartas de Sousa Fernandes, comunicando-lhe a saída de seu irmão Manuel da firma Manuel Marques Pinheiro & C.<sup>a</sup>, mantendo boas relações, inferindo-se que o primo já estava a trabalhar. Foi colega na mesma casa comercial, em Niterói, do primo Manuel de Sampaio, como se vê pela carta que este lhe envia da Baía, a 29-10-1871. A.A.S.-S. Fernandes, carta 117 e 341.

<sup>11</sup> A.A.S.-S. Fernandes, carta 255.

emigrante remediado, admitia que se tivesse continuado «na capital» do império, talvez o seu trajecto pudesse ter sido mais auspicioso, talvez brilhante, como diz.

Da mobilidade geográfica no país de acolhimento dos nossos emigrantes, no sentido de realizar o seu projeto de vida, ou mesmo ampliá-lo, é exemplo esta carta, que parece tender a demover o jovem parente de deixar a capital, onde as possibilidades seriam em maior número e mais diversificadas.

## SUBINDO DEGRAUS

Sousa Fernandes procura explorar as suas potencialidades, nomeadamente no domínio de várias línguas, criando um portefólio que o conduz à etapa mais desejada, a de empresário, como adiante falaremos. Entretanto, chegou a altura de ser ele a auxiliar um primo, Paulo Fernandes, filho do tio Joaquim Fernandes que lhe escreve para esse efeito, de Famalicão, a 9 de setembro de 1873. Paulo é o portador da carta, e apesar de ter nascido no Brasil, vai como português, para não ser chamado à tropa:

*[...] Paulo [...] bai para essa afim de seguir o Commerçio, e por isso espero que lhe façás tudo quanto estiver ao teu alcance tanto para sua arrumação como para lhe dares os bons concelhos pois sabes [...] que para ser feliz hé perçizo ser fiel, verdadeiro, obdiente, poupado e trabalhador sem o qual nada se fás*<sup>12</sup>. [...]

Tal como o pai de Sousa Fernandes, também o tio lá trabalhara. Todavia, os destinos foram diferentes, o pai voltou solteiro e sem meios e o tio casou no Rio de Janeiro, com uma mulher lá nascida, teve filhos, conseguiu alguns bens de fortuna, regressando depois a Famalicão<sup>13</sup>.

Prestemos atenção a algumas partes desta carta. A exemplo do pai, também o tio lhe desenha o passaporte para o sucesso: a probidade, o trabalho, o comedimento nos gastos e a lealdade.

Já haviam decorrido vários anos desde que Sousa Fernandes aportara ao Rio de Janeiro, e apesar das vicissitudes por que passara, conserva na memória o conforto de encontrar familiares a esperá-lo, misturado com a ansiedade, o calor e a densa movimentação das pessoas no porto de desembarque, no já distante ano de 1862, mas a sua vontade de singrar mantém-se indómita.

Sousa Fernandes parte de Famalicão com as bases elementares da escrita, investe na sua formação, incluindo no domínio do francês, do inglês e do espanhol<sup>14</sup>, o que lhe dá ensejo a traçar nova fase: regressado de Niterói, emprega-se antes de 25 de março de 1868<sup>15</sup>, na capital, como caixeiro na Casa Gomes & Irmãos<sup>16</sup>, na Rua das Violas n.º 27, de

<sup>12</sup> A.A.S.-S. *Fernandes*, carta 416.

<sup>13</sup> PAIVA, 2016: 229-230.

<sup>14</sup> Missiva do pai de 10-4-1866. A.A.S.-S. *Fernandes*, carta 102.

<sup>15</sup> Cf. Carta desta data do pai, onde o informa haver recebido as suas de 5 de janeiro e de 6 de fevereiro desse ano, e que na última lhe dizia que deixara a anterior firma onde trabalhara, tendo estado 19 dias em casa do tio Manuel e que depois fora para a nova firma comercial, na Rua das Violas n.º 27 no Rio de Janeiro. A.A.S.-S. *Fernandes*, carta 102.

<sup>16</sup> Em missiva do pai de Sousa Fernandes para este, de 6-09-1871, faz referência a António Gomes, ex-patrão do filho e diz

Manuel Gomes dos Santos Portela e irmãos, de Guimarães, e depois na empresa que deu lugar à firma do mesmo ramo Gomes & Portela, de Manuel Portela, na Rua Teófilo Otoni n.º 23, no Rio de Janeiro<sup>17</sup> e, em dado momento, não sabemos em que data<sup>18</sup>, torna-se também «interessado», superando a anterior etapa. Em 2 de janeiro de 1877, já é sócio da nova empresa que se constituiu, a Fernandes, Andrade & C.<sup>a</sup> da qual fazem parte ainda Manuel Portela, Francisco da Mota Alves de Andrade, de Arnóia, Celorico de Basto, e Joaquim Marinho de Carvalho<sup>19</sup>.

Com a vinda para Portugal de Manuel Portela, admitimos que no início dos anos oitenta do século XIX<sup>20</sup>, é criada antes de 1885, a Fernandes Machado & C.<sup>a</sup>, formada por 4 sócios, ele incluído e ainda, o primo Paulo Fernandes, o cunhado Francisco de Andrade e Clementino Machado, natural de Guardizela, Guimarães, casado com uma sobrinha do barão de Faria, capitalista no Rio de Janeiro, natural de Famalicão. Em 1886, o irmão de Sousa Fernandes, substitui Paulo Fernandes e, em 1889, nova remodelação se opera com a saída de Clementino Machado, formando-se a Fernandes Barbosa & C.<sup>a21</sup>.

Em 1898, Sousa Fernandes torna-se industrial de lanifícios da Fernandes D’Olne & C.<sup>a</sup>, tendo como sócio o belga Frederico D’Olne, que fundara em 1895, com o português emigrante nesse país, José Leite da Cunha, no Bairro do Barreto, (acima de Niterói), a fábrica Aurora, sob a designação comercial Leite da Cunha & Olne. Em 1901, passa a denominar-se Cruz D’Olne & C.<sup>a</sup> e é constituída por Frederico D’Olne e António Soares da Cruz, como sócios comanditários e como solidários Sousa Fernandes e José Leite da Cunha, cada um com o capital social de 50.000.000<sup>22</sup>. Em 1902, mudam de sede, comprando o antigo prédio da Companhia das Forjas Nacionais, na Rua da Real Grandeza no Rio de Janeiro, com depósito e escritórios na Rua de S. Pedro n.º 49. Sousa Fernandes mantém-se na cidade até 1904, fixando-se depois em Famalicão<sup>23</sup>.

## FAMILIARES PRÓXIMOS NO RIO DE JANEIRO

Vários elementos da família de Sousa Fernandes emigram para o Rio de Janeiro precisando de apoio, tal como ele já o tivera. Nesse sentido, lhe escrevem os pais e o tio Joa-

---

saber que era de Guimarães. A.A.S.-S. *Fernandes*, carta 326.

<sup>17</sup> A carta do Rio de Janeiro, de 13-3-1876, de Francisco de Andrade para Sousa Fernandes, então em cobranças por Minas Gerais, informa-o do óbito, na cidade, devido à febre-amarela, a 11 desse mês, de Francisco Gomes, «nosso cosocio». A.A.S.-S. *Fernandes*, carta 675.

<sup>18</sup> Admitimos que quisesse progredir mais rapidamente na empresa, pelo que equaciona novas possibilidades, como ir para Buenos Aires ou Valparaíso, pretensão de que o pai o dissuade, por exemplo, na carta de 25-09-1870. A.A.S.-S. *Fernandes*, carta 293.

<sup>19</sup> No comunicado enviado aos clientes, obtemos a informação de Sousa Fernandes ter sido interessado da anterior, sendo as casas comerciais a liquidar a Gomes, Portela & C.<sup>a</sup> e a Gomes & Irmãos. Este comunicado encontra-se junto da carta de 2-1-1877, endereçada por Manuel Gomes dos Santos Portela ao sócio Sousa Fernandes. A.A.S.-S. *Fernandes*, carta 787.

<sup>20</sup> Numa carta enviada de Vermoim, Famalicão, a 20-3-1882, a Sousa Fernandes, Manuel Portela informa-o que está a remodelar a sua Quinta da Igreja Velha, nessa localidade. A.A.S.-S. *Fernandes*, carta 1154.

<sup>21</sup> A denotar a influência de Sousa Fernandes, na capital, encontramos várias cartas do tio Joaquim Fernandes, recomendando-lhe alguns jovens que iam emigrar para o Brasil, por exemplo, a de 1-9-1887, em que lhe pede uma carta de recomendação para os filhos de Manuel da Silva Araújo casado com a prima Sofia Amélia. A.A.S.-S. *Fernandes*, carta 1659.

<sup>22</sup> A.A.S. – *Agenda de S. Fernandes*, s.c.

<sup>23</sup> Entre 1889 e 1909, adquiriu em Famalicão, vários bens rústicos e urbanos. A.A.S. – *Agenda de Sousa Fernandes*, s.c.

quim Fernandes. O primeiro a sair foi o irmão Aires Fernandes e, pelas cartas enviadas a Sousa Fernandes pela família nuclear e também pelo tio supra indicado, reconstituímos os passos preparatórios da partida de um jovem emigrante: a compra e confeção do enxoval básico, a aquisição do bilhete, a viagem de navio (com pessoas conhecidas ou de família), a proteção do jovem pelo comandante, a chegada ao porto de destino e o encaminhamento.

Aires Fernandes parte do Porto para o Rio de Janeiro, a 28 de janeiro de 1868, *na Barca Felix*, em segunda classe e com ele vai Francisco José Pacheco, residente em Famalicão, ambos com 13 anos<sup>24</sup>. Chega à cidade, antes de 10 de abril de 1868, estando à sua espera o primo Bento Sampaio que o leva para casa do tio Manuel Fernandes, onde cura as feridas provocadas por sarna apanhada a bordo.

Começa a trabalhar por intermédio do primo Bento Sampaio, a 10 de julho de 1868, na capital, onde fica 2 anos como caixeiro numa loja de armarinho. Continua como marçano, agora na casa comercial do primo João José de Sampaio, na Rua Direita n.º 61, em Campos, para onde vai antes de 29 de abril de 1870, como Aires refere em correspondência dessa data para o irmão<sup>25</sup>. É tão mal sucedido, que em 20 de março de 1871<sup>26</sup>, lhe pede por carta, alguma roupa. Regressa à capital, onde se encontra pouco antes de 6 de junho de 1871<sup>27</sup>. O irmão arranja-lhe um lugar de caixeiro na Magalhães, Praça & C.<sup>a</sup>, mas mais uma vez, Aires se queixa da forma como é tratado e da jornada excessiva. Em 22 de junho de 1878<sup>28</sup>, é «interessado» da Casa Fernandes Couto & C.<sup>a</sup>, na Rua do Mercado n.º 27, nessa cidade, tendo saído da firma devido a problemas entre sócios (o primo Joaquim José Fernandes Couto e [?] Guimarães). Em 21 de maio de 1886<sup>29</sup>, é sócio da Fernandes Machado & C.<sup>a</sup>, na Rua Teófilo Otoni n.º 23, no Rio de Janeiro, constituída antes de 1885, da qual já falámos anteriormente, a propósito da vida laboral do irmão e, a partir daqui, acompanha sempre Sousa Fernandes nas empresas que ele criou, exceto na de lanifícios. Aires Fernandes só volta a Famalicão, em 1891<sup>30</sup>, com 37 anos, tendo já falecido os pais, a irmã mais velha e o cunhado e alguns tios, e regressa ao Rio de Janeiro.

Há emigrantes que fixando-se no Brasil, alguns constituindo família, são alvo de preocupação, (por falta de notícias), de parentes próximos que ficaram na terra natal, como é o caso de Paulo Fernandes, de quem já falámos. Leiamos a carta seguinte de sua irmã para o primo Sousa Fernandes, enviada de Famalicão, a 16 de abril de 1891, que após lhe desejar boa estadia no Rio de Janeiro, um auspicioso regresso e o informar que, em casa do primo, todos passavam bem, tendo lá estado no dia anterior lhe diz:

*[...] eu é que estou bastante inquieta porque ainda não tive carta de meu irmão [...] escrevo-lhe novamente para ver se sabe alguma coisa dele [...] e se durante o tempo que a hi*

<sup>24</sup> Carta do pai de Aires Fernandes, ao outro filho, de 10-5-1868. A.A.S.-S. *Fernandes*, carta 208.

<sup>25</sup> A. A.S.-S. *Fernandes*, carta 277.

<sup>26</sup> A.A.S.-S. *Fernandes*, carta 319.

<sup>27</sup> Data de uma carta do pai para o filho mais velho. A.A.S., *Sousa Fernandes*, carta 323.

<sup>28</sup> A.A.S.-S. *Fernandes*, carta 805.

<sup>29</sup> A.A.S.-S. *Fernandes*, carta 1447.

<sup>30</sup> A.A.S.-S. *Fernandes*, carta 2014, de 6 de agosto desse ano, enviada ao irmão.

*estiver pode arranjar esses negócios que nos diz respeito. Como sabe temos 50 ações e meu irmão querendo podem-se repartir por todos três, se elle quizer tambem a casa pode ficar com ela e se não vende-se enquanto aqui aos bens tambem fica a vontade d'elle [...] Na carta que escrevo agora a meu irmão encomendo-lhe que vá ter com o primo mas pode muito bem elle ter mudado de lugar e por isso elle não a receber<sup>31</sup> [...]*

Paulo Fernandes é caixeiro numa loja de fazendas por atacado, na Rua Direita, n.º 115, no Rio de Janeiro, pelo menos desde 6 de abril de 1874<sup>32</sup>. Antes de 21 de maio de 1886<sup>33</sup>, é sócio da firma Fernandes Machado & C.ª, na Rua Teófilo Otoni n.º 23, na mesma cidade, que depois abandonou, por dissidências entre sócios, e acerca da qual já falámos, aquando do percurso laboral de Joaquim Fernandes. Em 19 de março de 1891, escreve de S. Manuel do Paraíso, onde vive com a mulher e os filhos, ao primo Sousa Fernandes, pede-lhe que o represente no inventário por morte do pai, que ampare a irmã e confessa-se desprotegido pela sorte<sup>34</sup>.

## OS AMIGOS, PONTES DE UM PERCURSO: SOUSA FERNANDES E O PRIMEIRO DE JANEIRO

O periódico portuense *O Primeiro de Janeiro* é financiado em grande parte, desde a sua criação, a 1 de dezembro de 1862, pelo «brasileiro» Joaquim Baltar, que a partir da década de 70, até ao óbito, em 1899, assume a sua propriedade e gestão, assessorado na área da contabilidade por Joaquim Pacheco, funcionário das finanças. O jornal conta entre os seus colaboradores com um apreciável núcleo da elite intelectual do país, como Camilo Castelo Branco, Eça de Queirós, Ramalho Ortigão, Guerra Junqueiro, entre outros. Desde 29 de junho de 1899, a empresa é administrada pelo filho do fundador e por Joaquim Pacheco<sup>35</sup>, um homem ligado a Famalicão, que vai firmar as relações à terra onde residiu em jovem, pela proximidade que estabelece com Sousa Fernandes<sup>36</sup>, um dos colaboradores do jornal, na rubrica «Crónicas brasileiras».

Sobre o impulso nas vendas do jornal, escreve José da Silva Ferro<sup>37</sup>, um dos amigos comuns de Joaquim Pacheco e de Sousa Fernandes, em carta que lhe envia a 10 de janeiro de 1886:

*[...] As suas correspondencias téem vindo muito cheias de intereçe para todos os leitores do Primeiro de Janeiro dando isso um aumento bom de receita a este jornal com a procura avulça, e mesmo maior numero de assignantes [...] e as suas cartas e os seus comentários são*

<sup>31</sup> A. A.S., *S. Fernandes*, carta 2012.

<sup>32</sup> Missiva desta data, de Joaquim Fernandes, para o sobrinho Sousa Fernandes. A. A.S., *S. Fernandes*, carta 496.

<sup>33</sup> Cartas de Aires Fernandes ao irmão, nomeadamente a desta data e a de 14-10-1887. A.A.S., *S. Fernandes*, carta 1447 e 1651.

<sup>34</sup> Em carta de 14-6-1891, Paulo Fernandes alude à herança do pai: 50 ações do Banco Rural e uma casa em S. Domingos [Niterói?]. A.A.S.-*S. Fernandes*, carta 2024.

<sup>35</sup> Veja-se, entre outros, NETO, 2014: 218-237.

<sup>36</sup> A correspondência tem como datas extremas 1881 e 1924. Por exemplo, a carta que Joaquim Pacheco escreve a Sousa Fernandes, a 20-4-1885. A.A.S.-*S. Fernandes*, carta 1341.

<sup>37</sup> A partir daqui, sempre designado por Silva Ferro.

*analisados e discutidos com interesse, mormente por pessoas que estão prezas a esse paiz por qualquer laço familiar ou negocio*<sup>38</sup> [...].

É de recordar o interesse na época, pelas notícias sobre o Brasil, país para onde foi a maioria dos emigrantes do norte de Portugal, na segunda metade do século XIX, tomando como dado paradigmático a inclusão desde o primeiro ano da sua publicação até à morte do seu fundador, da lista de emigrantes que regressavam, com indicação do paquete em que viajavam<sup>39</sup>.

Sousa Fernandes esteve em vias de ser sócio do periódico, como se constata pela carta que lhe envia do Rio de Janeiro, a 14 de setembro de 1891, o amigo Joaquim Valflorido que durante algum tempo escreveu do Brasil para o jornal português, a pedido deste<sup>40</sup>:

*[...] Lastimo sinceramente que se não realizasse a sua entrada para o Primeiro de Janeiro. Eu previa que a sua actividade e as suas aptidões postas ao serviço d'aquela folha – imprimir-lhe-hiam novo cunho. [...] Se entretanto o meu illustre amigo entender que a folha está nas condições de estipendiar um correspondente, as minhas cartas não têm preço, faça-o o amigo como se tratasse com um sujeito inteiramente estranho*<sup>41</sup>. [...].

As relações entre Joaquim Baltar e Sousa Fernandes tornaram-se cada vez mais próximas, como traduz o excerto da carta de Baltar, de 9 de junho de 1889, após a morte da filha de Sousa Fernandes, viúvo há poucos meses:

*[...] Peço-lhe também como seu verdadeiro amigo, para que saia por algum tempo da sua casa; venha até aqui com suas filhinhas passar algum tempo: Minha mulher compromette-se a velar por ellas como se fossem propriamente suas: Creia, meu amigo que, será recebido por todos nós com a maior franqueza e amisade*<sup>42</sup> [...].

## AMIGOS «BRASILEIROS» QUE RETORNAM

Entre um grupo alargado de nortenhos que emigram para o Brasil, seleccionámos dois, que mantêm uma amizade duradoura, a qual transparece da sua correspondência, e possuem um denominador comum, o retorno ao país de origem e a ascensão social fruto também dessa estadia.

Iniciamos com José Ferro nascido em Covas do Douro, a 9 de janeiro de 1843, que foi sócio do irmão, Victorino da Silva Ferro, que nasceu na mesma localidade, a 25 de

---

<sup>38</sup> A.A.S.-S. *Fernandes*, carta 1467.

<sup>39</sup> NETO, 2014: 218-237.

<sup>40</sup> A.A.S.-S. *Fernandes*, carta 2152.

<sup>41</sup> Este assunto está também presente na carta que o amigo José Gomes Graça lhe envia de Lisboa, a 1-2-1887, disponibilizando-se até a emprestar-lhe dinheiro para o negócio, caso precisasse, como referimos adiante, ao tratar do seu relacionamento próximo. A.A.S.-S. *Fernandes*, carta 1683.

<sup>42</sup> A.A.S.-S. *Fernandes*, carta 1896.



fevereiro de 1845<sup>43</sup>. Ambos constituíram a empresa de fazendas e roupa feita Victorino Ferro & C.<sup>a</sup>, sucessores da Silva, Ferro & C.<sup>a</sup>, na Rua Teófilo Otoni n.º 31, no Rio de Janeiro.

Embora tenhamos cartas enviadas por Silva Ferro desde 1879 até 1917, incidiremos neste artigo nas que foram escritas até 1889. Os assuntos predominantes são a política, a família e os negócios. Na política, destacamos aquelas onde Silva Ferro se manifesta um acérrimo inimigo do fontismo, encontrando-se, por vezes, incursões ao caráter de Fontes Pereira de Melo, por contraponto ao político brasileiro Silveira Martins<sup>44</sup>, que considera «um grande patriota, em quanto que Fontes é um homem currupto e podre».

Na esfera familiar, é visível que mantiveram relações próximas, pois Silva Ferro alude aos irmãos de Sousa Fernandes, Eugénia e Aires, com alguma proximidade. A primeira e a segunda mulher de Joaquim Fernandes, Antonieta Fernandes e Joaquina Fernandes foram elos fortes no relacionamento, a que se juntará um outro «brasileiro», igualmente nortenho, Constantino Nunes de Sá, de quem adiante falaremos. Atentemos no parágrafo da carta que Silva Ferro escreve ao amigo endereçada do Porto, a 10 de janeiro de 1886:

*[...] Tenho em mão suas estimadas cartas de 4 e 19 de Dezbr.º ultimo, na primeira das quais nos dá a agradável noticia da sua chegada com saúde e sem incidente desagradavel para si e digna esposa, a quem todos desta casa desejão as felicidades de que é digna<sup>45</sup>[...].*

Após falar de «Quinota», sobrinha e cunhada de Sousa Fernandes, estudante no Colégio Inglês do Porto, tal como já fora a mulher, D.<sup>a</sup> Antonieta Fernandes, Silva Ferro coloca a possibilidade desta dar à luz no palacete de Sá e Dona Beatriz, na Rua da Boavista (Porto), «onde tem trez enfermeiras dedicadas na pessoa de D. Beatriz, em D. Antonieta Peixoto que muito os estima e em minha mulher que a estima como filha»<sup>46</sup>.

No âmbito familiar, a carta de 27 de abril de 1886, endereçada para o Rio de Janeiro, fala da educação de «Quinota», enviando Silva Ferro as contas de despesas da menina no colégio e em gastos particulares<sup>47</sup>. Em missivas seguintes<sup>48</sup>, este assunto é longamente tratado, acabando a jovem por sair, devido à falta de saúde, aos resultados escolares e à exorbitância dos custos, ficando em casa da família de Silva Ferro, na Rua da Boavista, com lições particulares de português, francês e piano.

A instalação de Sousa Fernandes e da família, no Porto, goradas as diligências feitas para ficar em Famalicão, é preparada com todo o cuidado por Silva Ferro, acabando por optar pela casa da Rua da Boavista n.º 390, situada em frente à do comum amigo Constantino Nunes de Sá, futuro comendador.

<sup>43</sup> Livro de Baptismos de 1821-1852, anos de 1843 e 1845, fls. 83 v.º e 5.

<sup>44</sup> Gaspar Silveira Martins (1835-1901) foi ministro da Fazenda e senador do Império do Brasil de 1880 a 1889.

<sup>45</sup> A.A.S.-S. Fernandes, carta 1467.

<sup>46</sup> A.A.S.-S. Fernandes, carta 1467. A leitura da carta de Constantino de Sá para Sousa Fernandes, de 11-1-1886, do Porto, reforça o que escreve Silva Ferro sobre o acolhimento que teriam. A.A.S.-S. Fernandes, carta 1536.

<sup>47</sup> A.A.S.-S. Fernandes, carta 1474.

<sup>48</sup> Cartas de 27-5-1886, de 8-6-1886 e de 6-7-1886. A.A.S.-S. Fernandes, carta 1475, 1476 e 1477.

Os negócios estão patentes, por exemplo, no pedido de venda de vinho do Douro, no Rio de Janeiro, pelos amigos de Sousa Fernandes<sup>49</sup>, realçando Silva Ferro, entre os atributos de qualidade do vinho: o lugar de origem, o bom paladar e a bonita cor, e justificando a solicitação, pelo prejuízo certo que teria, se tivesse como intermediários os comissários porque «confundem nas contas de venda que dão o genero bom com o ordinário». A saída da empresa que tinha com o irmão, de que a partir do retorno a Portugal, é sócio comanditário ocupa uma parte significativa das cartas que endereça a Sousa Fernandes, a quem passa uma procuração para o efeito, cujo negócio é concluído, conquanto em condições aquém do esperado<sup>50</sup>.

Outro dos amigos com quem Sousa Fernandes se corresponde é José Gomes Graça<sup>51</sup> nascido em Padim da Graça, Braga, a 22 de outubro de 1845<sup>52</sup>, casado com Amélia Vial Quartin, vindo a ser cunhado do amigo também «brasileiro» natural do Porto, Gaspar Bastos, pelo casamento deste com Clotilde Vial Quartin, em 15 de março de 1888, na igreja de S. Domingos, em Lisboa<sup>53</sup>. Na notícia sobre este enlace, o noivo é referido como rico capitalista e é indicado que a madrinha havia sido D.<sup>a</sup> Amélia Quartin Graça e os padrinhos José Graça e o barão de Quartin.

A relação com Sousa Fernandes assenta em dois eixos: o familiar e o laboral. Sobre o primeiro, a proximidade vem dos tempos de solteiros, em que ambos vivem na capital do Brasil, que se mantém depois de casados, como é visível, por exemplo, pela escolha deste e da mulher para padrinhos da filha Irene nascida a 3 de outubro de 1887, na casa da Rua da Boavista, em cujo assento de batismo nos surge José Graça como capitalista, residente em Lisboa com sua mulher, e Sousa Fernandes como negociante, casado<sup>54</sup>.

Da fase no Rio de Janeiro, a primeira carta foi enviada por José Graça, de Southampton, a 14 de junho de 1878<sup>55</sup>, etapa da sua viagem à Exposição Universal de Paris de 1878<sup>56</sup>, em vapor, com partida da capital do Brasil, paragem na supra indicada localidade inglesa, estadia por 10 dias em Londres e saída para a Bélgica rumo a Paris, onde fica. Destacamos uma carta de Bordéus, de 26 de julho de 1878, em que José Graça escreve:

*[...] A tua pessoa tem sido aqui lembrada por diversas vezes pelos nossos amigos e também por a Sr.<sup>a</sup> D. Amélia Quartin que está morando no mesmo Hotel<sup>57</sup> em companhia do Vial e Sr.<sup>a</sup> com quem dei muitos passeios em carro até ao Bosque de Bolonha e Campos Elísios e seguem comigo para Lisboa amanhã, no vapor Iberia da companhia do Pacífico. Muito gosto teria em encontrarte em Lisboa para darmos alguns passeios e acabarmos de ver a nossa capital. Já estou convidado pela família Vial Quartin para hir passear alguns dias em Cintra*

<sup>49</sup> Carta de 15-12-1881. A.A.S.-S. *Fernandes*, carta 1043.

<sup>50</sup> Desde 10-1-1886, a 6-7-1886. A.A.S.-S. *Fernandes*, carta 1475, 1476 e 1477.

<sup>51</sup> A partir de agora sempre indicado como José Graça.

<sup>52</sup> *Livro de Baptismos de 1844-1877*, fl. 5.

<sup>53</sup> *Diario illustrado*, n.º 17, Lisboa, 1888, p. 1.

<sup>54</sup> *Livro de Baptismos de Cedofeita de 1887*, fl. 305 v.º.

<sup>55</sup> A.A.S.-S. *Fernandes*, carta 834.

<sup>56</sup> Tinham previsto ir juntos, o que não se concretizou devido à doença grave da mãe de Sousa Fernandes, obrigando-o a vir a Famalicão.

<sup>57</sup> Refere-se ao hotel Franklim, como se vê na sua carta de Paris, de 28-6-1878, onde diz pagar 15 francos diários e ser até melhor tratado que no hotel Frankfort do Porto. A.A.S.-S. *Fernandes*, carta 835.

*e me disseram para tu hires também e eu espero que não faltes e depois voltamos juntos para ahi*<sup>58</sup>. [...]

Nesta missiva, pede ao amigo que resolva os assuntos, a fim de voltarem juntos para o Rio de Janeiro e confidencia-lhe não ter visto tudo o que desejava, pois só para visitar a exposição, precisava estar vários meses na cidade, mas que apesar do pouco tempo, fez bastantes compras e «estudei o modo de se poder viver em Paris muito bem e por commodo preço e para um rapaz solteiro não há cidade melhor». Como trabalhavam na mesma área, transcrevemos outro excerto desta carta que temos vindo a citar:

*[...] Luto com grande dificuldade na escolha daquellas fazendas que nos procuramos em Lisboa e Porto e que nada nos agradou. [...] Luto com dificuldades é verdade, mas não é por haver falta, pelo contrario hei o maior sortimento que se pode desejar e gostos tão lindos e variados que diariamente me vi obrigado a comprar. [...]*

Os elos estreitaram-se entre as duas famílias com relações de compadrio, sendo Joaquim Fernandes padrinho de uma filha de Manuel Gomes Graça, que vivia na Póvoa de Varzim<sup>59</sup>, irmão de José Graça, e a mulher deste madrinha da menina.

Os assuntos laborais entremeiam-se com os da amizade, como na carta de 1 de fevereiro de 1887, de Lisboa. Após agradecer ao casal Fernandes o envio da fotografia da «interessante filhinha», dá-lhe conta que já recebeu:

*[...] a importância dos papeis que mandei vender, e tambem já empreguei a maior parte em diversos papeis daqui e isto fiz mas é emprego temporario para não estar o cobre parado e ainda hontem estava assistindo a arrematação de um predio em frente ao theatro de S. Carlos e offereci ainda mais dois contos do que o calculo que tinha feito de sua venda por ser em muito bom lugar, mas houve quem desse mais e deixei ir porque não quero ter só a gloria de ser proprietario, também quero renda relativa, e agora espero melhor occasião.*

*Se precisares mais dinheiro manda dizer porque agora felismente tenho cá! [...] Com relação ao 1.º de janeiro há alguma cousa? Se houver e entenderes que serve, eu cá estou e não precisas mandar vir dinheiro*<sup>60</sup>. [...]

José Graça agradece depois o envio dos 4 números do jornal referido, faz um elogio rasgado ao artigo do amigo sobre o Lazareto de Lisboa<sup>61</sup>, por onde ambos já tinham passado e tece apreciações a outras rubricas do periódico.

<sup>58</sup> A.A.S.-S. *Fernandes*, carta 836.

<sup>59</sup> Apesar de não datada, aceitamos que seja de 1878, dado mandar recomendações da mulher e do sogro (Brás Leão Quartin) e não se referir ao filho.

<sup>60</sup> A.A.S.-S. *Fernandes*, carta 1683.

<sup>61</sup> Local onde faziam uma quarentena profilática os viajantes que chegavam, por exemplo, do Brasil. Ver, a este propósito, o traço contudente de BORDALO-PINHEIRO, 1881. Sobre a passagem de Sousa Fernandes e de José Graça no Lazareto, damos como exemplo, a carta do amigo comum José Fontes, de Valadares, Vila Nova de Gaia, escrita no Rio de Janeiro, a 30-5-1878, onde equipara este espaço a uma prisão. A.A.S.-S. *Fernandes*, carta 825.

Um bilhete confidencial (sem data) está presente na correspondência enviada por José Graça a Sousa Fernandes. Nele informa o amigo que um seu antigo empregado no Rio de Janeiro o veio visitar e dá-lhe conta do teor do diálogo que travaram:

[...] *conversando com elle com relação a quase todas as casas do nosso conhecimento, quando chegou a tua disse elle que estava bastante parada e que isso elle attribuía ao pessoal não ser o mais competente para a direcção daquela casa. [...] Eu pensando veio-me a mente uma ideia que te a exponho como amigo e não por me envolver nos teus negócios*<sup>62</sup>. [...]

Termina por lhe sugerir a vinda ao Rio de Janeiro do sócio e cunhado Andrade, «um pé de boi já muito conhecido da freguesia e um homem de bem», podendo resolver a situação da empresa, evitando que Sousa Fernandes deixe a família.

## OUTROS AMIGOS EMIGRANTES NO BRASIL

É aceite, no estúdio atual da investigação, que entre os muitos portugueses que emigraram, poucos foram os que alcançaram uma posição privilegiada. Destes, destacamos dois, um regressa a Portugal e o outro mantém-se no Brasil. Atentemos numa carta do primeiro, Artur Augusto do Sacramento, enviada do Porto, a 10 de novembro de 1874:

[...] *tuas noticias causaram-me um effeito duplamente agradável por me noticiarem que estavas de saúde e que havias melhorado na tua carreira commercial alcançando o desideratum a que tendem todos os que se achão na minha posição, excepto eu o ser negociante. N' esta conformidade, recebe os meus sinceros parabéns, pois é com o mais vivo interesse que vejo os teus augmentos*<sup>63</sup>. [...]

Segundo a carta indicada, Artur Sacramento vivia na altura, com a irmã, na Rua do Almada, n.º 401, no Porto, trabalhando desde julho de 1872, como guarda-livros, na Fábrica de Tabacos Portuense, na Rua da Fábrica, (com cerca de 300 trabalhadores e trabalhadoras, na data em que lhe escreve), e terá sido um dos nortenhos que não conseguiu alcançar êxito no Brasil, tal como muitos outros, como Soromenho, um amigo comum, que ao contrário de Artur do Sacramento, não regressou a Portugal, e que foi ajudado por Sousa Fernandes, de quem falamos a seguir.

Entre a correspondência dirigida a Sousa Fernandes, encontramos missivas de António de Freitas Pimentel Soromenho, de 1866 a 1895, que fazem alusão a uma amizade iniciada no Rio de Janeiro, em data anterior, e onde se acham alguns trechos de uma narrativa pouco feliz, como a retirada do Rio de Janeiro rumo a Rio Manso, onde estava pelo menos a 14 de março de 1870, «vendendo fubá e toucinho<sup>64</sup>». Cerca de 5 anos depois, vemos António Soromenho em Bateias, município de Campo Largo, Paraná, de

---

<sup>62</sup> Aceitamos que faça parte da carta de 30-10-1887. A.A.S.-S. Fernandes, carta 1690.

<sup>63</sup> A.A.S.-S. Fernandes, carta 560.

<sup>64</sup> A.A.S.-S. Fernandes, carta 311.

onde escreve ao amigo, a 2 de fevereiro de 1875, que o foi visitar e de quem não teve coragem de se despedir e que lhe diz:

[...] *Ter de ir para o Rio de Jan<sup>ro</sup> e passando em S. Paulo viajando duas leguas p.<sup>r</sup> dia não fallando nas eventualidades e dimora de negocio!! Estou perfeitam<sup>te</sup> esmorecido; pensei muito mas o que fazer? Ir à mercê de tudo p.que assim o permitem as circunstancias em que me acho. [...] perdoa-me meu amigo sei quanto te devo e sei que tudo fazes em meu proveito [...] parece-me que o lugar que procuro para ganhar o pão foge-me, ou o acaso me afasta dele, julgo que sou votado a morrer de vergonha de ter de ser pesado constantemente a todos<sup>65</sup>.*

António Soromenho acaba por ir trabalhar de novo para o Rio de Janeiro, para a casa comercial Magalhães Graça & C.<sup>a</sup>, onde era caixeiro Aires Fernandes, irmão do seu amigo, e escreve a Sousa Fernandes dessa cidade, a 23 de março de 1875<sup>66</sup>.

## A MAÇONARIA NA VIDA DO JOVEM SOUSA FERNANDES

Uma das etapas marcantes da vida de Sousa Fernandes pelo território mineiro, que percorria como caixeiro-viajante, foi a sua passagem pela maçonaria, com papel determinante, (um dos fundadores), na constituição da Loja maçónica Brasil Independente, da cidade S. Paulo de Muriahé, Minas Gerais, na segunda metade do século XIX, de que destacamos alguns excertos do seu epistolário, começando pela carta do amigo José Joaquim do Nascimento endereçada de Presídio, a 11 de abril de 1876:

*Recebi tua carta de hontem datada, e bem assim a prancha que com o nosso Ir .: Albino José Duarte me endereçastes, nomeando-me Delegado ao Gr.: Or.: para coadjuvar-vos na regularização da L.: Brasil Independente em S. Paulo, cuja festa terá lugar a 22 do Corr.e.*

*Junto a esta envio-te uma prancha declarando-te, e ao dito nosso Ir .: Albino, que aceito a nomeação de Deleg.<sup>o</sup> do Gr .: Or .: e por esta certifico-te que no dia 19 do Corr.e eu e m.s 4 ou 5 maçons deste lugar partiremos p.<sup>a</sup> o Brejo afim d'ali reunir-mos com V<sup>e</sup> e junto seguiremos para São Paulo<sup>67</sup>. [...]*

Albino Gonçalves Pinto é outro amigo e companheiro na agremiação maçónica e escreve-lhe de Diamantina, a 21 de agosto de 1876, onde faz votos:

*Ao supr Arch.: do U.: para que a nascente Loja Brasil Independente do Or .: de S. Paulo de Muriahé da qual fostes digno membro installador progrida a passos gigantescos a bem da nossa ordem e da humanidade<sup>68</sup>.*

A dinâmica dessa loja maçónica está bem patente na carta que lhe manda daí, a 15 de julho de 1876, o Ir .: Januário Sabino Ribeiro, onde alude ao discurso do Dr. Pinto proferido

<sup>65</sup> A.A.S.-S. Fernandes, carta 667.

<sup>66</sup> A.A.S.-S. Fernandes, carta 668.

<sup>67</sup> A.A.S.-S. Fernandes, carta 721.

<sup>68</sup> A.A.S.-S. Fernandes, carta 738.

na sessão de regularização, pondo a hipótese de ser publicado no periódico Monitor do Norte<sup>69</sup>, e também refere a chegada no dia 22 seguinte, à capital, do Ir.: Albino José Duarte com ampla informação sobre a Loja local. Nesta missiva, Sousa Fernandes é informado que:

[...] *A loja prossegue regularmente os seus trabalhos; já adoptou seu regulamento interno confeccionado pelo Dr. Pinto, já expediu diplomas aos seus Deputados e Delegados e diversas pranchas ao Gr.: Secr.: Ger.: do Ord.: , ao Gram Mestre H.H. Toda esta correspondência irá pelo irmão [...] Joaquim Silvério da Silva Mineiro [...] dirigida a V. M.<sup>cé</sup> 70 [...].*

Aceitamos que a filiação de Joaquim Fernandes no Partido Republicano Português e a sua carreira política sempre neste partido, desde autarca a senador da República, tenham como embrião os ideais da loja maçónica que ajudou a criar.

## CONVIVENDO COM A SAÚDE E A DOENÇA: A SIFILIS NOS EMIGRANTES PORTUGUESES

A sífilis foi um tema abordado tanto no seio médico como fora dele, pela sua alta incidência e repercussões. Centramo-nos no que disseram 3 médicos, 2 brasileiros e 1 português ligados a esta área. O primeiro, Juliano Moreira, escrevia em 1899, que a doença tinha encontrado no Brasil, o local propício para se instalar, quase se confundindo com outras afeções. O segundo, Cláudio de Sousa, uns anos depois, afirmava: «sobre a sífilis e as moléstias venéreas quase não há necessidade de estatísticas no Brasil, podendo-se contar o número de vítimas, aproximadamente pelo número de brasileiros. É uma exageração?...De modo algum», e o terceiro, Tovar Faro, escreve em 1934: «Nós portugueses fomos muito atingidos [...] nos últimos tempos pela nossa grande emigração para o Brasil. Ali, a sífilis é tão frequente, que, entre nós pode dizer-se que quem viveu algum tempo nesse país, é sífilítico com certeza»<sup>71</sup>.

Algumas cartas recebidas por Sousa Fernandes dão-nos conta que a sífilis estava presente entre os emigrantes lusos, como indicaremos. O amigo António Mendes da Costa Reis escreve-lhe a 21 de dezembro de 1874, de Minas Novas:

[...] *Não poço, não devo, e não me hé possível esquecer do Cidadão Ir.: sentindo sumissimamente seus soffrimentos phisicos, morais e egienicos de falta de saude =entende?= Interessado como devo pelos Ir.: tive de interrogar ao martyr J.<sup>m</sup> Mariano p. sua pessoa, então informou-me melhor do que os proprios medicos qual a febre ecclisastica de que se achava affetado e que tanto o afligia, este informou-me que foi apanhado no m.<sup>mo</sup> tinteiro ou vazo em que elle a encontrou, visto como aqui esta abancado se cicatrizando com mercurio, arcenico, vaureite, alteirantes de plumer e Lerey, as ulceras que o persegue. [...]*

*Que perigo p.<sup>a</sup> os Ir.: viajantes?*

<sup>69</sup> Jornal literário, científico e noticioso, de periodicidade semanal, publicado em Diamantina, desde 1874, tendo como editor José Sebastião Rodrigues Bago.

<sup>70</sup> A.A.S.-S. Fernandes, carta 748.

<sup>71</sup> Os dados destes três médicos colhemo-los em CARRARA, 2012: 432-433.

É interessante confrontarmos este excerto com a literatura científica:

[...] *Mercúrio, arsênico, bismuto e iodetos foram inicialmente usados na tentativa de tratar a sífilis, mas mostraram baixa eficácia, toxicidade e dificuldades operacionais*<sup>72</sup>. [...]

Numa carta de António Soromenho, de quem já falámos, encontramos passagens interessantes sobre a questão. Pese embora as propostas que lhe faz para o ajudar, como uma viagem, porque entende ser «o melhor balsamo para as paixões», Sousa Fernandes trilha outros caminhos, dizendo-lhe António Soromenho, em 11 de julho de 1871:

[...] *acho feio o teu proposito nas distrações que me dizes procurar para desvanecer a tua mallograda paixão que busques divertimentos em um lugar onde ha tantos, é natural, mas não precisas baixar a lupanares tão impuros que te arruinam a moral e o phisico: rehabilita-te com a tua propria dignidade, procura distrações porem naturaes*<sup>73</sup>. [...]

Terminamos com o exemplo de um conterrâneo amigo de Sousa Fernandes, com quem privou no Rio de Janeiro e em Niterói<sup>74</sup>, Luís Veloso, falecido a 1 de janeiro de 1871, em Famalicão, com 27 anos, vítima dessa doença.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A epistolografia abre-nos múltiplos planos de abordagem, permitindo-nos fazer incursões substantivas, na situação em apreço, no domínio da emigração portuguesa de Oitocentos para o Brasil, como projetos de vida, planos de retorno, de regresso e no caso dos «brasileiros», outra vida no país de origem, novo lastro de sociabilidade e *cursus honorum*, possibilitando o epistolário colocar o biografado num espaço e tempo dinâmicos, apreendendo a diacronia e a sincronia. Assim, a correspondência epistolar deu-nos ensejo de conhecer facetas diversas das que nos oferecem os documentos oficiais e mesmo construir a narrativa dos atores. No caso de Sousa Fernandes, facultou-nos, entre outros aspetos, a data da primeira ida para o Rio de Janeiro, a preparação da viagem, a mobilização dos familiares nesse projeto, tanto do lado de cá, como no de lá, a replicação desse modelo no irmão e primos que deixaram Portugal em direção ao Brasil. As teias familiares, algumas vezes alargadas a redes de amizade, constituem dimensões de grande impacto no percurso seguido pelos emigrantes e, no caso analisado, contribuíram de forma relevante para a arquitetura de vida da personagem em análise, vendo-a também presente noutros familiares e amigos de Sousa Fernandes que deixaram Famalicão, tal como acontece com as várias treliças familiares igualmente encontradas, por exemplo, por Cármen Cunha em estudo microanalítico sobre o concelho de Guimarães<sup>75</sup>. Foi também preg-

<sup>72</sup> AVELLEIRA & BOTTINO, 2006: 7.

<sup>73</sup> A.A.S., *S. Fernandes*, carta 344.

<sup>74</sup> A.A.S., *S. Fernandes*, cartas 197-200 do ano de 1867.

<sup>75</sup> CUNHA, 1997.

nante a relação de Sousa Fernandes à Maçonaria, ainda muito jovem, no Brasil, abrindo-lhe uma rede de sociabilidade e até de amizades que, de outra forma, poderia ter mais dificuldade em construir, bem como ajudou a gizar o seu espírito de livre-pensador, presente no ideário político que defendeu e seguiu, o republicanismo, tendo chegado a vice-presidente do Senado no período da Primeira República em Portugal. Admitimos mesmo que o investimento em aulas noturnas e bibliotecas feito pela Maçonaria no Brasil tenha sido um dos veículos da sua ilustração<sup>76</sup>.

## FONTES

- Agenda de Sousa Fernandes de 1892 a 1895*. (Arquivo Alberto Sampaio, Vila Nova de Famalicão).  
*Correspondência recebida por Sousa Fernandes de 1862 a 1927*. (Arquivo Alberto Sampaio, Vila Nova de Famalicão).  
CASTELO-BRANCO, Camilo (1885) – *Serões de S. Miguel de Seide*. <Disponível em <https://www.scribd.com/.../Seroes-de-S-Miguel-de-Seide-por-Camilo-Castelo-Branco>>.[Consulta realizada em 16/04/2017].  
*Diário ilustrado*, n.º 17, Lisboa, 1888.  
Registos paroquiais de Cedofeita, Porto, *Livro de Baptismos de 1887*.  
Registos paroquiais de Covas do Douro, Sabrosa, *Livro de Baptismos de 1821-1852*.  
Registos paroquiais de Padim da Graça, *Livro de Baptismos de 1844-1877*.

## BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Jorge Fernandes (1994) – *Os Brasileiros: emigração e retorno no Porto oitocentista*. Porto: [e.a.].  
\_\_\_\_ coord. (1999) – *Os «Brasileiros» da emigração*. Famalicão: Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão.  
AUSTER, Paul (2013) – *Informe del interior*. Barcelona: Anagrama.  
AVELLEIRA, João Carlos Regazzi; BOTTINO, Giuliana (2006) – *Sífilis: diagnóstico, tratamento e controle*. «Anais brasileiros de dermatologia», vol. 81 n.º 2, Rio de Janeiro. Disponível em <revista@sbd.org.br.>. [Consulta realizada em 1/11/2016].  
BARATA, Alexandre Mansur (1999) – *Luzes e sombras: a ação da maçonaria brasileira (1870-1910)*. Campinas: UNICAMP.  
CARRARA, Sérgio (1996) – *Tributo a Vénus: a luta contra a sífilis no Brasil da passagem do século aos anos 40*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.  
\_\_\_\_ (2012) – *Estratégias anticoloniais: sífilis, raça e identidade colonial no Brasil do entre-guerras*. In HOCHMAN, Gilberto e ARMUS, Diego, org. – *Cuidar, controlar, curar, ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, p. 427-453.  
CUNHA, Cármen Alice Aguiar de Morais Sarmento (1997) – *Emigração Familiar para o Brasil. Concelho de Guimarães 1890-1914 (Uma Perspectiva Micro Analítica)*. Braga: Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho. Dissertação de Mestrado.  
FERNANDES, Adília; PAIVA, Odete (2009) – *Emigração dos minhotos para o Brasil (1850-1910). Os bem sucedidos e os outros*. In SOUSA, Fernando et al, coord. – *Nas duas margens. Os Portugueses no Brasil*. Porto: CEPES, Edições Afrontamento, p. 411-423.  
MAIA, Fernanda Paula de Sousa e PEREIRA, Maria da Conceição Meireles (2000) – *Os brasileiros de tornaviagem no Noroeste de Portugal*. In *Os brasileiros empresários e investidores*, Lisboa: Comissão Nacional para as comemorações dos descobrimentos portugueses, p. 311-329.

---

76 BARATA, 1999.



- MAIA, Fernanda Paula Sousa (2016) – *Estratégias familiares de investimento de remessas de emigrantes no Brasil no Noroeste português entre 1950 e 1970 – estudo de caso*. «População e Sociedade», vol. 25. Porto: CEPESE, p. 105-120.
- NETO, Alda (2014) – Gaspar *Ferreira Baltar, o «brasileiro» n’O primeiro de Janeiro*. In SOUSA, Fernando *et al*, coord. – *Portugal e as migrações da Europa do Sul para a América do Sul*. Porto: CEPESE, p. 218-237.
- PAIVA, Odete (2016) – *A População e a sociedade de Vila Nova de Famalicão entre 1620 e 1960 – crescer e progredir*. Vila Nova de Famalicão: Editora Humus.
- PINHEIRO, Rafael Bordalo (1881) – *No lazareto de Lisboa*. Lisboa: Empreza Litteraria Luso-Brasileira.